



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13925 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT09 - Trabalho e Educação

MEMÓRIAS, TERRA E TRABALHO FAMILIAR: UMA CONEXÃO COM O MODO DE VIDA DE POVOS DO CAMPO

Marisa Oliveira Santos - UESB - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

MEMÓRIAS, TERRA E TRABALHO FAMILIAR: UMA CONEXÃO COM O MODO DE VIDA DE POVOS DO CAMPO

Resumo: Terra e família são elementos mútuos materializados pela memória social em modos de vida comunitários entre os povos do campo. Memórias revelam experiências vividas e herdadas pelo trabalho na relação homem-natureza; ao mesmo tempo, que contraditoriamente desvelam rupturas históricas dessa relação pela interpenetração do capital. Assim, objetivou-se, visitar as memórias de homens e mulheres do campo no Povoado do Peri Peri, município de Belo Campo (BA), e por meio delas, ao aproximar-se da família e da terra, procurou-se entender como as relações sociais, ora se harmonizam entre os povos na luta pela sobrevivência, ora se confrontam no ciclo de vida. Alicerçados nos fundamentos teóricos de Wanderley (2009); Tiriba (2021); Thompson (1981); Alves e Tiriba (2022); Fernandes (2022); Montesperelli (2004) a empiria serviu como fio condutor do objetivo proposto. Findada a discussão, concluiu-se que a aproximação com a terra vem perdendo o sentido de espaço de produção em roçados familiares, e na feitura de farinha pela interpenetração do capital. A terra vem assumindo a conotação de mercadoria especulada pela indústria da feccularia, tal desarticulação coopta a força de trabalho, tornando os povos do campo em estranhos e empobrecidos no seu lugar de vida e trabalho.

Palavras-chave: Memórias, Terra, Trabalho familiar, Povos do campo

Ao deter o olhar da pesquisa sobre os povos do campo, reconhece-se que alguns

flancos são viabilizadores da aproximação do pesquisador com a realidade objetiva, permitindo-lhe, por vezes, indagar e descrever como a coisa em si se manifesta ou mesmo se esconde (KOSIK, 2011). A memória, a terra e o trabalho familiar foram as categorias de análise de aproximação do campo empírico. Para tanto, realizamos entrevistas e rodas de conversa como procedimentos metodológicos em visitas ao povoado do Peri Peri que acontecem desde 2018^[1], por meio das quais e de roteiro pré-estabelecido, as pesquisadoras vêm aproximando dos participantes da pesquisa, e nesses encontros, a terra foi ganhando contornos externados por meio das memórias e dos relatos dos participantes da pesquisa, dando-lhe um arrazoado de contradições.

Partindo do princípio que a terra é elemento fulcral para que os povos do campo se constituam no modo de vida e de trabalho em estruturas comunitárias (FERNANDES,2012; CASEY, 1992), Tiriba e Alves (2022) enfatizam, em seus estudos, que uma comunidade do campo é sim, reveladora de um modo de vida ou de modos de vida, mas que esses se constituem na interface entre capital e trabalho, logo no contraditório e, portanto, no movimento, essas interfaces vão deteriorando a paisagem do “viver a roça”.

A ruptura desse desenho e o esmaecimento dessa relação direta homem-natureza, foram verificados na trajetória da pesquisa e evidências interrogadas foram surgindo: que sentido a terra vai assumindo para os povos do campo? Qual o papel da família na relação com a terra? O que eles têm produzido diretamente por meio da terra? O que falar da propriedade da terra? Como garantem sua sobrevivência?

Nesse sentido, diante da gênese ampla e diversa que compõe o viver dos povos do campo, a presente comunicação objetivou, visitar as memórias de homens e mulheres no Povoado do Peri Peri, município de Belo Campo (BA), e por meio delas, ao aproximar-se da família e da terra, como pontos de partida, procurou-se entender como as relações sociais, contraditoriamente, ora se harmonizam entre os povos na luta pela sobrevivência, ora se confrontam no ciclo de vida familiar e nas relações de produção da vida em comunidade com o modo de produção capitalista.

Vale ressaltar, que o rural não é incorporado como um elemento neutro ou dissociado da totalidade. Compreende-se o rural como parte integrante da sociedade, onde cidade e campo clamorosamente cruzados, fundidos e articulados, determinam a confluência na inter-relação com a sociedade mais ampla. (VASCONCELLOS, 2011; MARTINS, 2005). No que tange à família, no presente estudo, a sua concepção parte do “vivido”, construído na luta pela vida material, na contradição, na sua relação com o trabalho familiar, amputando qualquer relação de modelo fixo para essa categoria (SZYMANSKI, 1995).

Articulada com a terra e a família, a memória é fundamentada como um fenômeno social, e como recurso, assume seu papel estratégico ao materializar o vivido compartilhado entre pessoas num ambiente social (MONTESPERELLI, 2004). Corroborando, Novaes (1992, p. 9;11) alicerça a memória, ao defender que o vivido não está circunscrito num

amontoado de fatos desordenados. Logo, a vida não é somente o presente; este é um tempo fragmentado, um instante fugidio; pois a memória não nega a articulação entre épocas. Esquecer o vivido, enfatiza o autor, seria como negar toda efetiva experiência de vida, e ainda que se considere a vida como ruptura com o passado ou como continuidade desse, em todos os casos existe sempre uma relação interna entre o que foi, o que é e o que será.

Assim sendo, as memórias pertencem, a homens e mulheres, participantes desta pesquisa – povos do campo, entre 22 a 67 anos – detentores da posse de terra, que se inserem pelo contraditório no Povoado do Peri Peri, no município de Belo Campo (BA), distante 581 Km da capital baiana. Entende-se o modo de produção da vida na centralidade do trabalho, que pressupõe a experiência humana individual e coletiva carregada de costumes, tradições, normas e valores (THOMPSON, 1981; TIRIBA, 2021)

O Peri Peri tem população estimada, conforme índice de projeção de estatísticas oficiais, em torno de 708 moradores (IBGE,2021), 207 famílias (IBGE, 2021). Possui mais jovens (28,49%) do que idosos 6,2% (IBGE, 2021). Os afazeres diários se concentram parcamente entre o cultivo da mandioca em pequenas propriedades rurais familiares, no funcionamento esporádico de casas de farinha, cultivo de pequenas roças, produção do requeijão caseiro, criação de animais domésticos. Na socialização coletiva, estão veiculados à igreja católica ou ao futebol em campinho de várzea presente na localidade.

No presente estudo, os povos do campo adjetivam o pequeno produtor, que se debate continuamente com o campo das contradições inevitáveis do mercado capitalista. As lentes aqui estão inclinadas para estabelecimentos rurais de pequena extensão, com menos de 5 hectares e que representam menos que 47% das propriedades rurais brasileiras, e ocupam menos de 2,3% da área rural. Enquanto as grandes propriedades têm acesso a 43% do crédito rural, as pequenas, quando dotadas de direito a tal incentivo abarcam de 13% a 23% do uso dos recursos (IBGE,2017).

Nas escutas e narrativas, sempre foi muito comum a descrição do “parcelamento”, que reside na cessão entre gerações da posse da terra, como meio de viabilização de moradia e de trabalho para os filhos na comunidade, é comum, esses, construírem família muito cedo, em torno dos 18 anos para mulheres e 22 para os homens. O parcelamento que é geracional e sequenciado, vai diminuindo a relação absoluta entre o povo do campo e a terra, primeiro no tamanho e depois na função. Na região de Peri Peri, por exemplo, verificou-se que a sucessão de terras entre os avós, sinalizada no passado, propriedades em torno de 25 alqueires^[2], chega atualmente para os herdeiros menos do que 1 alqueire de terra. Dessa forma, o destino e a utilidade da terra vão ganhando, diante das novas circunstâncias, novos formatos e novos significados, muitas vezes, atrelado mais à moradia do que à função produtiva da terra.

O parcelamento que gera a diminuição da extensão territorial da propriedade privada, segundo Wanderley (2009), em seu movimento visível constitui um forte instrumento de formação do proletário no campo, ou da submissão desta força de trabalho específica ao

capital.

A terra vem assumindo o sinônimo de residência por aparta-se das condições materiais de promoção de ações agricultáveis e rentáveis na organização do trabalho familiar. Em outros dizeres, as famílias no Peri Peri, não conseguem ter uma expansão de renda. Acuada pela falta de recursos que as impossibilitam de investir no perímetro de plantio, ou de expandirem a criação de animais, vão afastando a força de trabalho nas roças. Nesse sentido, a natureza do acesso e da manutenção à terra criam as condições históricas para que o capital produza o trabalho assalariado, quando promove o desapossamento do homem do campo do seu lugar de vida e de trabalho.

Para Dona Vitória Prado (43 anos, 2019), essa alusão a mobilidade da força de trabalho distanciada da terra é materializada, quando explica que embora tenha um “pedacinho” de terra, que herdou do pai, seu esposo trabalha de pedreiro em Belo Campo. Ela conta com o bolsa-família; seus filhos trabalham fora do povoado - um no hospital e outro no comércio da cidade - pois, segundo a interlocutora, se esperassem viver do que a roça pode lhes dar, desistiriam de viver naquele lugar.

Reforçando essa realidade, Fernandes (2012) lembra que essa condição frágil dos povos do campo, principalmente no que produzem e no que negociam, os tornam subordinados ao mercado capitalista, empobrecendo-os ou conduzindo-os ao estado de miséria. O termo pobreza é estratégico para entender o confronto da própria existência dos modos de vida dos povos do campo. Ao observar a população beiradeira na Amazônia Brum (2021, p.110), reconhece que afastar o homem da terra e do seu modo de vida é uma persistente parceria entre o capital, o governo e a elite a fim de desterritorializar aqueles que tem a terra não como mercadoria, mas como fundamento do modo de viver e de produzir a vida; assim destituídos, vão sendo arrancados, ao longo do tempo, direta ou indiretamente da natureza e de si mesmo, separados dos vizinhos, rompidos dos laços comunitários.

Para o pequeno produtor de Peri Peri, viver na comunidade, ainda que não seja pelo plantio e o uso da terra, é deter um sentimento de pertencimento. A terra para eles não tem preço. “Não abro mão de morar no meu cantinho, a cidade só mesmo pra visitas curtas, por necessidade” (Dona Maria, 50 anos, 2018). As feculares, que aproximam da região, vêm impondo à terra o sentido de mercadoria, expandindo a monocultura da mandioca em vastas extensões de plantio em confronto com os pequenos roçados do tubérculo que são parques na região.

No Peri Peri, a presença dos chamados atravessadores, é outro determinante que enfraquece a condição de negociação dos pequenos produtores. Esses somados à estrutura do mercado mais amplo, determinam os preços de modo que se apropriam de boa parte da renda dos produtores familiares. Nessa outra subsunção, os povos do campo entregam a riqueza produzida com seu trabalho ao capital, podendo ser este o comercial ou o industrial, apontado por Ianni (1981), um outro movimento de seu empobrecimento.

A terra vai compondo as memórias dos participantes de pesquisa e servindo como fio condutor do processo de análise. A narrativa de Seu Zé Silva (68 anos, 2018), trouxe determinações importantes do desvelar dessa relação homem e terra. Quando observadas as fotografias no momento da entrevista, perguntou-se para o entrevistado quem eram os fotografados, o mesmo se reportou aos seus antepassados, lembrou de que a terra onde vive foi herdada destes, ali criou seus filhos, dois destes estão em São Paulo, um outro mora com eles, numa casinha ao lado, hoje vivem da aposentadoria e ajuda a nora com uns “trocados”, porque essa os auxilia nos afazeres domésticos.

Sendo assim, entende-se, pois, que a terra no Povoado se insere num contexto dual de interesses e desigualdades, tem abarcado mais o sentido de moradia, do que de produção. Para seus moradores, a terra não tem acepção de mercadoria nem detém caráter especulativo, não se põe preço, mas se estabelece valor, este entrelaçado com a estrutura de sentimentos que os interligam à estrutura comunitária. Por outro lado, não se pode desconsiderar o campo de disputa com a interpenetração do capital na região. Como as famílias não tem investido no plantio, nos pequenos roçados, o sustento das famílias perpassa pelas aposentadorias dos mais velhos e pelas políticas de transferência de renda, o que não fortalece a condição de existência deles enquanto população rural. No entendimento deste estudo, tais políticas apenas aproximam tais populações do mercado capitalista, e os afugentam do seu modo de ser e de produzir a vida.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ana Elizabeth Santos. TIRIBA, Lia (orgs). **Cios da Terra: sobre trabalho, cultura, produção de saberes e educação do campo**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2022.
- BRUM, Eliane. **Banzeiro òkòtó: uma viagem à Amazônia centro do mundo**. 1ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo, Companhia da letras, 2021.
- CASEY, James. **A história da família**. São Paulo: Editora Ática, 1192.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. Território Camponês. In: CALDART, Roseli Salete. PEREIRA, Isabel Brasil. ALENTEJANO, Paulo. FRIGOTTO, Gaudêncio. (orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- IANNI, Octávio. **A luta pela terra: história social da terra e da luta pela terra numa área da Amazônia**. Coleção Sociologia Brasileira. VI.8. Petrópolis, RJ:1981.
- KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- MARTINS, José de Souza. **Cultura e educação na roça, encontros e desencontros**. Revista USP, São Paulo, n.64, p. 28-49, dezembro/fevereiro, 2004-2005.
- MONTESPERELLI, Paolo. **Sociologia de la memória**. 1ª ed. Buenos Aires: Nueva Vision, 2004.

NOVAES, Adauto. **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

SZYMANSKI, Heloisa. Teoria e Teoria de famílias. In.: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (Org). **A família contemporânea em debate**. São Paulo: EDUC, 1995.

THOMPSON, Edward P. **A miséria da Teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1981.

TIRIBA, Lia. **Modo (s) de vida e Modos de produção da existência humana**: ensaio teórico-metodológico. *Germinal: marxismo e educação em debate*, Salvador, v.13, n.2, p.407-419, ago.2021. ISSN: 2175-5604

VASCONCELOS, Pedro Lima. Movimentos populares na invenção de outros brasis Possíveis. In: ALENCAR, Maria Cristina Macêdo de. SILVA, Maina Pirajá. PAIXÃO, Luís Henrique Couto (orgs). **O rural e o urbano em pauta**. Salvador: UCSalPRESS, 2021.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **O Mundo Rural como um espaço de Vida**: Reflexões sobre a propriedade da Terra, Agricultura Familiar e Ruralidade. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2009.

[1] As visitas de campo continuam sendo realizadas na comunidade com o objetivo de aproximação e aprofundamento no campo de estudo. A última agenda aconteceu em 18/03/2023.

[2] Um alqueire de terra é o equivalente a 19,8 hectares, aproximado na região para 20 hectares. (1 hectare = 10.000 m²)